



OBNJN
Online Brazilian Journal of Nursing

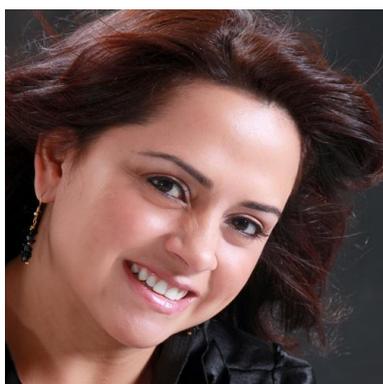
PORTUGUÊS

Universidade Federal Fluminense

ESCOLA DE ENFERMAGEM
AURORA DE AFONSO COSTA



Artigos Originais



Percepção da mulher sobre o processo de nascimento acompanhado: estudo descritivo

Jane da Rosa Palinski¹, Silvana Regina Rossi Kissula Souza², Juliana Taques Pessoa da Silveira³, Natália Rejane Salim⁴, Dulce Maria Rosa Gualda⁵

^{1,2,3} Universidade Federal do Paraná, ^{4,5} Universidade de São Paulo

RESUMO

Objetivo: O presente estudo buscou compreender a percepção da mulher sobre a participação do acompanhante, por ela escolhido, para o processo de nascimento.

Método: A pesquisa, de abordagem qualitativa, foi realizada no período de agosto a novembro de 2009 em uma maternidade escola no município de Curitiba-PR. Foram sujeitos deste estudo 10 mulheres que tiveram seus partos acompanhados. Os dados foram obtidos por meio de entrevista semiestruturada realizada no puerpério e foram submetidos à análise temática. **Resultados:** Surgiu como resultado que a presença do acompanhante traz segurança, tranquilidade, apoio e conforto durante o processo de nascimento. **Discussão:** Ressalta-se a importância dos profissionais de saúde, principalmente da equipe de enfermagem, em acolher e propiciar a presença dos acompanhantes. **Conclusão:** Esta presença beneficia o processo de nascimento com uma boa evolução e fortalece o vínculo familiar.

Palavras chaves: Parto Humanizado; Parturição; Trabalho de Parto

INTRODUÇÃO

A preocupação com o atendimento à parturiente e sua família levou a OMS a lançar, em 1996, um documento chamado: Maternidade Segura – Assistência ao Parto Normal: um guia prático. A partir deste manual foram constituídas recomendações, baseadas em evidências científicas, sobre as práticas relacionadas ao parto normal⁽¹⁾.

Este documento teve como objetivo nortear e melhorar o atendimento ao parto normal, garantindo o direito às mulheres por meio de medidas que contribuíssem para a redução da mortalidade materna e perinatal e para a diminuição das intervenções, questionando procedimentos realizados sem nenhum critério científico, apenas por hábito ou rotina⁽¹⁾.

Nestas recomendações existem várias práticas, com vistas à humanização ao parto, que devem ser encorajadas e recomendadas. Dentre as quais o oferecimento de condições para que os cuidados no trabalho de parto e no parto sejam exequíveis e seguros, onde a mulher possa se sentir confiante; o respeito ao direito da mulher de ter privacidade no local do nascimento; o respeito à decisão da mulher sobre o local do nascimento, ou seja, a escolha de um estabelecimento que gere empatia entre os profissionais de saúde e a gestante; a decisão da gestante em relação aos acompanhantes, marido/companheiro ou familiar; a escolha da parturiente sobre o profissional que realizará o parto; a disponibilização do máximo de informações e explicações que desejarem; a utilização de métodos não invasivos e não farmacológicos para o alívio da dor, no trabalho de parto, como massagens e técnicas de relaxamento; permitir a liberdade de posição e movimento da gestante no trabalho de parto; permitir, precocemente, o contato pele a pele da mãe e do recém-nascido e oferecer suporte para iniciar a amamentação até uma hora após o parto⁽²⁾.

Reconhecendo que mudanças eram necessárias no âmbito assistencial o Ministério da Saúde – MS, em 2001, elaborou o manual “Parto, Aborto e Puerpério – Assistência Humanizada à Mulher” onde foram representados procedimentos, comportamentos, reflexões e diretrizes seguindo uma proposta de assistência humanizada. Este manual

teve como o objetivo difundir conceitos e práticas da assistência ao parto, integrando a capacitação técnica à necessária humanização do processo de atenção à mulher⁽³⁾.

Dentre as formas de inserir a humanização no processo de nascimento destaca-se a permissão da presença de um acompanhante, de escolha da parturiente, durante este período. A presença do acompanhante contribui para o bem-estar físico e emocional da mulher e também age de forma positiva para que ela possa lidar com a dor e a tensão, contribuindo para uma boa evolução durante o trabalho de parto e diminuindo a quantidade de complicações durante o parto e puerpério⁽⁴⁾.

Para que as mulheres tenham este direito garantido foi aprovada a Lei Nº 11.108, no ano de 2005, pelo Congresso Nacional e regulamentada pela portaria nº 2.418/2005 que avaliza às parturientes o direito à presença do acompanhante durante o trabalho de parto, parto e pós-parto imediato, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Todavia, ainda necessita de um processo de reorganização dos serviços de saúde e dos profissionais para vivenciarem esta prática^(5, 6).

No pré-natal a participação do pai/acompanhante está sendo cada vez mais frequente e deve ser incentivada também durante atividades realizadas em grupo para o preparo do casal, ou acompanhante de escolha, para o parto. O parto e o puerpério são acontecimentos carregados de sentimentos profundos, momentos de crises construtivas, com forte potencial positivo para estimular a formação de vínculos e provocar transformações pessoais⁽⁷⁾.

Assim, a presença do acompanhante é uma das práticas que está sendo incorporada no movimento de humanização do processo de nascimento proporcionando aspectos positivos tanto para os profissionais de saúde e para os pais quanto para o binômio mãe e filho⁽⁵⁾.

A maternidade em que o estudo foi realizado tem empenhado esforços na adoção do modelo de humanização da assistência, oferecendo às parturientes a oportunidade de contarem com a presença de um acompanhante de sua própria escolha durante o trabalho de parto, parto e puerpério. Diante destas considerações este estudo teve como

objetivo compreender a percepção da mulher sobre a participação do acompanhante no processo de nascimento.

MÉTODO

Este estudo de abordagem qualitativa/descritiva foi realizado na unidade de Alojamento Conjunto de uma maternidade pública, de ensino, que atende parturientes de baixo risco, localizada no município de Curitiba – PR, no período de agosto a novembro de 2009.

Participaram desta pesquisa dez mulheres que tiveram o parto realizado com seus respectivos acompanhantes. Foram utilizados como critérios de inclusão puérperas que tiveram parto normal com acompanhante, que aceitaram participar voluntariamente da entrevista, independente de raça, paridade ou qualquer outro indicador que não mencionado. Foram excluídas as puérperas submetidas a partos cirúrgicos, ou que apresentaram complicações no pós-parto.

O número de participantes da amostra seguiu o critério de saturação, no qual a constituição dos colaboradores em estudos qualitativos deve ser determinada a partir da necessidade de informações e a saturação dos dados é conseguida, até que não seja acrescentada nenhuma informação nova e que os dados tornem-se repetitivos⁽⁸⁾.

Os sujeitos da pesquisa foram convidados a participar voluntariamente e, depois da apresentação e explicação dos objetivos, receberam os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Após a leitura e a assinatura, foram agendadas as entrevistas propostas pela pesquisa. É importante ressaltar que as puérperas menores de idade, acompanhadas de um responsável legal, que concordaram em fazer parte da pesquisa só o fizeram mediante a assinatura do TCLE próprio para este fim.

A coleta de dados foi realizada por meio de uma entrevista semiestruturada, que constava de dados relativos à identificação, como idade e estado civil, acompanhante de escolha, e sobre conhecimento da lei 11.108/2005. O primeiro contato para o agendamento da entrevista aconteceu com a parturiente já no Centro Obstétrico, em trabalho de parto, onde foi convidada a participar da pesquisa.

Após o parto, já no Alojamento Conjunto (local no qual a puérpera permanece internada por no mínimo 48 horas), foi avaliado, junto à participante, o melhor momento para a realização da entrevista, que foram previamente agendadas e realizadas em uma sala privativa do Alojamento Conjunto, garantindo a privacidade e a tranquilidade das participantes. As entrevistas foram gravadas, mediante a autorização das mulheres, e duraram aproximadamente trinta minutos.

Posteriormente as entrevistas foram transcritas e para análise do material seguimos as seguintes etapas: leitura compreensiva do material selecionado, buscando uma visão de conjunto, através da elaboração de pressupostos que serviram de base para a análise e interpretação do material; exploração do material, momento da análise propriamente dita onde, por meio da identificação de partes ou trechos do texto já selecionados na primeira etapa, demos início a elaboração de temas e a sua articulação com conceitos teóricos que orientaram a análise⁽⁹⁾.

Os sujeitos foram identificados por codinomes de flores, escolhidos por elas mesmas, garantindo o anonimato das participantes da pesquisa. Os dados coletados e analisados foram arquivados em meio eletrônico e permanecerão arquivados por cinco anos.

Para a realização da pesquisa foram respeitados todos os preceitos éticos envolvendo pesquisa com seres humanos que constam na Resolução CNS 196/96. O projeto foi apresentado ao Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná e aprovado em reunião, realizada no dia 10 de julho de 2009, com o registro CEP/SD: 738.073.09.06 com CAAE: 2216.0.000.091-09.

RESULTADOS

A partir dos dados da pesquisa, obteve-se uma caracterização das mulheres que participaram deste estudo, conforme apresentados. As participantes encontravam-se na faixa etária de 13 a 36 anos.

Em relação ao estado civil, cinco delas declararam-se solteiras e cinco viviam com os companheiros. Quanto à idade, as solteiras tinham idade entre 13 e 21 anos e as que

viviam com o companheiro entre 21 e 36 anos de idade, ou seja, as mulheres com maior faixa etária viviam em união estável com seus companheiros.

Quando as participantes foram questionadas sobre o acompanhante de escolha seis afirmaram que o acompanhante foi a mãe e quatro delas referiram os companheiros.

Em relação ao conhecimento da Lei 11.108 de 2005, cinco das puérperas disseram não ter conhecimento sobre o dispositivo legal e cinco delas já haviam ouvido falar ou lido a respeito.

As participantes foram indagadas sobre a participação em palestras e oficinas de preparo para o parto durante a realização do pré-natal e negaram tal fato.

A análise das falas possibilitou o encontro de temas relacionados à percepção das mulheres em relação ao acompanhante no processo de nascimento e foram divididos em **sentimentos positivos** como: segurança, tranquilidade, apoio físico, gratidão e emoção e em **sentimentos negativos**, no qual as mulheres relataram solidão e medo em alguma parte do processo de parto devido à ausência do acompanhante, bem como o sentimento de pressão no momento do parto.

No tema sentimentos positivos, as participantes tiveram uma percepção positiva em relação à participação do acompanhante no período de trabalho de parto e parto e um dos motivos citados pelas mulheres foi o sentimento de segurança como expresso:

Ah! Foi bom porque eu me senti mais segura, estava ali com mais apoio, a gente se sente melhor até para ter o parto, tudo é mais gostoso, até você poder contar com alguém. (Margarida)

Muito bom! Demais, ah, sei lá, é maravilhoso, você se sente bem, segura, até dá um alívio saber que tem alguém ali (...). (Orquídea)

Eu me senti mais segura, na verdade, com ele lá dentro, porque no momento que eu estava sozinha, eu estava sentindo assim, um pouco de medo, sabe (...). (Flor de Liz)

Senti uma segurança enorme por ter alguém da minha família perto de mim, eu senti uma segurança (...). (Girassol)

Outro sentimento positivo em relação à presença do acompanhante para as gestantes foi o de tranquilidade, pois elas referiram estar nervosas, como demonstrado nas falas a seguir:

Ela me passou tranqüilidade é que eu estava muito nervosa e ela me deixou mais tranquila e confiante (...). (Tulipa)

Daí a gente sente, que tem alguém ali do lado, alguém para te ajudar é bem mais tranquilo, bem fácil. (Violeta)

[...] foi uma experiência nova [...] é que eu estava muito nervosa. (Tulipa)

As parturientes relataram também o apoio físico fornecido pelos acompanhantes, com o simples gesto de segurar a mão da mulher durante o trabalho de parto, conforme as falas:

Segurou na minha mão o tempo todo ali, e foi muito bom. (Jasmim)

Ah! Foi bom porque ela ficou o tempo todo segurando minha mão! (Violeta)

Nossa foi maravilhoso [...], você sabe que tem alguém te apoiando, pegando tua mão é muito bom [...]. (Orquídea)

As participantes ainda relataram diversos sentimentos de gratidão e emoção por ter o acompanhante presente durante o processo de nascimento, conforme segue:

[...] foi muito bom, foi gratificante a recompensa que eu tive assim [...] de ver minha melhor amiga do meu lado, foi ah! ... foi muito bom[...]. (Margarida)

Foi uma emoção grande ter o acompanhante junto ali, [...] foi uma sensação boa, foi legal. (Amor perfeito)

As mulheres que tiveram a oportunidade de contar com a presença do acompanhante durante todo o processo de nascimento referiram tal prática conforme segue:

Ela ficou o tempo todo, desde a hora que eu internei até o bebê nascer... o tempo todo ela ficou comigo. (Violeta)

Ela me acompanhou antes, durante e depois do nascimento, me ajudou bastante. (Jasmim)

No tema sentimentos negativos registra-se que para alguns acompanhantes, a participação ocorreu apenas em parte do processo, apesar do desejo dessas mulheres em terem seus acompanhantes durante todo o processo de nascimento, sua insatisfação é expressa nas afirmativas:

Infelizmente ele só esteve presente somente na hora do parto e no pós-parto. (Orquídea)

Participou somente na hora do parto e pós-parto, queria que tivesse ficado o tempo todo. (Flor de Liz)

Entrou um pouco antes, que eu estava sentindo dor, [...] ficou até a hora do parto, umas duas horas, bastante tempo, até limpar o bebê, tudo, e entregar para mim, daí ele foi embora. (Lírio)

As mulheres que não tiveram seus acompanhantes de forma contínua, durante todo o processo de nascimento, referiram sentimentos de solidão e carência, mesmo que estivessem na presença de profissionais de saúde e, quando estes ficaram juntos, apontaram como favorável a presença do acompanhante, conforme as falas:

[...] a gente se sente um pouco sozinha ali, por mais que tenha gente da equipe cuidando de tudo, mas a gente fica assim um pouco mais carente naquela hora assim [...]. (Rosa)

[...] porque você sozinha lá, se sente solitária, assim é muito ruim, com acompanhante, é bem melhor [...]. (Girassol)

A mulher que ficou sozinha em algum momento do trabalho de parto referiu medo, conforme segue:

[...] porque no momento que eu tava sozinha, eu tava sentindo assim, um pouco de medo, sabe [...]. (Flor de Liz)

Entretanto a presença do acompanhante, para algumas mulheres pode levar ao sentimento de certa pressão pois o acompanhante, com o intuito de ajudar a parceira no momento do parto, pedia para ela fazer força, o que levou a mulher a sentir-se constrangida e não gostar de tal situação conforme segue:

Ah eu gostei, mas me senti mais pressionada, ele me pressionava, para eu fazer força também,[...] não gostei dele estar me pressionando. (Lírio)

DISCUSSÃO

As mulheres deste estudo se posicionaram favoráveis à participação dos acompanhantes durante todo o processo de nascimento.

Neste estudo seis das acompanhantes de escolha foram as mães, reafirmando a necessidade da presença da experiência das próprias mães ou mulheres no momento do parto, tendo em vista que também eram as parturientes mais jovens e solteiras.

Este momento é marcado pelo forte apoio e pela transmissão de informações, de valores morais e de comportamento, quando as parturientes são acompanhadas por suas mães, estas tomam as experiências vividas em seus corpos, para ajudarem as filhas, evocando atributos maternos, postura sociável e indispensável.⁽¹⁰⁾

Assim o relacionamento entre mãe e bebê pode ser fortalecido quando a parturiente leva em consideração alguns atributos que são favoráveis quando vivenciados pela sua genitora⁽¹¹⁾.

Em relação à Lei 11.108, já explicitada anteriormente, verificou-se que, mesmo não conhecendo o dispositivo legal, as mulheres tiveram a presença do acompanhante. Esta atitude demonstra que aos poucos as instituições estão aderindo e entrando em conformidade com o cumprimento da Lei do Acompanhante.

É importante salientar que nesta maternidade em que o estudo foi realizado as gestantes e seus acompanhantes tem oportunidade de participarem de oficinas de preparo para o

parto, agendadas previamente, buscando proporcionar às mulheres gestantes e seus acompanhantes um momento para conhecer as características do processo de nascimento, bem como se familiarizar com o ambiente em que o processo de nascimento irá ocorrer, visando à diminuição do estresse materno e familiar. Entretanto as colaboradoras deste estudo não foram participantes destas oficinas.

No tema sobre os sentimentos positivos em relação ao acompanhante ficou evidente o sentimento de segurança que o acompanhante de escolha da mulher propicia neste momento. A presença do acompanhante favorece benefícios físicos e emocionais a parturiente, transmitindo segurança, o que contribui para que haja uma diminuição de complicações durante todo processo, como o uso abusivo de medicamentos, partos cesáreos, menos riscos a saúde bem como o tempo reduzido de hospitalização⁽⁵⁾.

Em estudo realizado em maternidade pública do estado de São Paulo em 2005, constatou-se que as parturientes que tiveram o acompanhante de sua escolha presente no processo de nascimento referiram maior satisfação global com a experiência do que as mulheres que permaneceram sem acompanhantes no processo⁽¹²⁾.

A presença de alguém conhecido no processo do nascimento, além de estabelecer a comunicação efetiva e vínculo com os demais, pode dar mais segurança à parturiente no sentido de deixá-la menos vulnerável a sentimentos de solidão, dando oportunidade para que estas venham a se expressar com liberdade⁽¹¹⁾.

Neste sentido os profissionais de saúde, mais precisamente a equipe de enfermagem, tem um papel importante, atuando como facilitador neste processo. Assim, estes profissionais podem favorecer a humanização do parto buscando, além das prerrogativas da legislação, um fortalecimento das ações de cuidado voltadas para a inserção do acompanhante no processo de nascimento⁽¹³⁾.

Contudo, a forma em que este processo é vivenciado pela parturiente é fruto de sua história, da relação com o parceiro, com a família, do seu estado de saúde físico e emocional, da maneira como é atendida durante o trabalho de parto e também dos aspectos culturais da sociedade em que está inserida e que constituem a representação do parto⁽¹⁾.

Também ficou evidenciada, nas falas, a tranquilidade transmitida pela presença do acompanhante, pois é um momento em que as mulheres sentem-se nervosas diante de uma situação nova, mas que este nervosismo foi atenuado com a presença de alguém familiar.

As mulheres relataram também a importância do apoio físico, o fato de o acompanhante segurar a mão delas, trazendo conforto. A literatura aponta como benéfica esta atitude para um bom desencadeamento na hora do parto. O apoio físico que o acompanhante desempenha é por meio de atitudes involuntárias, através de toques, massagens e do incentivo a deambulação, a mudanças de posição, buscando sempre oferecer conforto físico à mulher e visando um melhor caminho em direção ao parto⁽¹⁾.

Ainda foram relatados outros sentimentos como gratidão, apoio pela presença do acompanhante neste processo. Durante o período que antecede o parto a parturiente pode referir diferentes tipos de sentimentos e sensações ao seu redor, podendo estes virem a se tornar mecanismos de auxílio ou não neste momento. Neste sentido cabe à maternidade ou instituição hospitalar acolher a mulher e providenciar cuidados específicos conforme necessidades e escolhas individuais⁽¹³⁾.

Quanto ao tema sentimentos negativos percebe-se ainda uma lacuna na atenção e no cumprimento da lei quando algumas mulheres relataram que foram privadas da presença do acompanhante no processo de nascimento, principalmente durante o período que antecede o parto, ou seja, durante o trabalho de parto.

A não participação do acompanhante tem sido justificada, por muitos serviços, pela falta de espaço físico e também de preparo das equipes de saúde para atender este acompanhante⁽¹³⁾.

Mesmo com a legislação vigente e toda a movimentação para o cumprimento desta lei, algumas mulheres relataram sentirem-se sozinhas em alguns momentos do processo de nascimento e, mesmo que cercadas por profissionais da equipe de saúde, tiveram tal sentimento.

Neste sentido, os profissionais de saúde devem estar preparados para proporcionar a mulher e ao acompanhante de escolha um momento agradável e tranquilo, contribuindo para que este período seja vivido e rememorado de forma positiva⁽¹⁴⁾.

A despeito da importância da presença do acompanhante em todo o processo gestacional e que esta deva ser estimulada durante todas as atividades, tanto de consultas pré-natais como em grupos de educação em saúde, ainda encontra-se limitada por diversos fatores. Um destes fatores está relacionado às questões da organização e ambiente das instituições. Na maternidade em que o estudo foi realizado não são oferecidos quartos privativos para que a mulher possa vivenciar este processo com privacidade. Esta maternidade tem espaço de pré-parto coletivo, com seis leitos separados por divisórias, mas isto não impediu totalmente a participação dos acompanhantes durante o trabalho de parto. Como visto na literatura este é um motivo comum alegado pelos profissionais para proibir a permanência do acompanhante, pois consideram que o espaço inadequado não permite a privacidade para as mulheres e seus acompanhantes.

Em estudo realizado em Fortaleza sobre a participação dos acompanhantes e sua relação com a equipe de enfermagem, estes profissionais comentaram que os profissionais da equipe médica sentem-se desconfortáveis com a presença do acompanhante, tendo em vista que, algumas vezes, realizam procedimentos invasivos, como episiotomias, fórceps e tem expectativa de como os acompanhantes irão interpretar tais ações⁽¹⁵⁾.

Algumas mulheres tiveram a oportunidade de terem seus acompanhantes durante todo o processo do nascimento, durante o trabalho de parto, parto e puerpério e demonstraram, em seus relatos, o quanto isto foi importante e saudável para o fortalecimento dos vínculos familiares.

No entanto o apoio do acompanhante perante a equipe não deve ser percebido somente de maneira alternativa para minimizar os desconfortos deste período mas, principalmente, como um direito da gestante e que um acompanhante pode ser um fator de grande ajuda no processo de humanização junto à parturiente⁽³⁾.

Segundo o Ministério da Saúde, o parto “quando é vivenciado com dor, angústia, medo e isolamento, pode levar a distúrbios psicológicos, afetivos e emocionais, podendo influenciar o relacionamento mãe/filho, além de sua vida afetiva e conjugal⁽³⁾.”

Apesar de considerar importante a presença do acompanhante, uma mulher relatou sentir-se pressionada pelo acompanhante no momento do parto, pois este pedia que ela fizesse força para auxiliar o bebê a nascer. Certamente este acompanhante estava imitando as atitudes apresentadas pelos profissionais de saúde na assistência ao parto.

Neste contexto reconhecer a individualidade de cada parturiente é uma forma de humanizar o atendimento. Atuando assim o profissional de saúde constitui um vínculo com cada mulher dentro de suas necessidades e capacidades, desenvolvendo relações interpessoais menos desiguais e autoritárias, proporcionando bem-estar físico e emocional para a parturiente e seu acompanhante⁽³⁾.

No momento do parto é necessário que a mulher receba toda atenção merecida e adequada, sendo este um passo indispensável para garantir que ela possa exercer a maternidade com segurança e bem-estar⁽³⁾.

É um direito fundamental de toda mulher que a equipe de saúde em obstetrícia esteja preparada para acolhê-la juntamente com seu companheiro e família, respeitando todos os significados desse momento, promovendo a criação de um vínculo mais profundo e transmitindo-lhe confiança e tranquilidade⁽³⁾.

CONCLUSÃO

Ao longo dos anos esforços tem sido empenhados na busca da humanização da assistência ao parto e ao nascimento. Dentro deste movimento a presença do acompanhante vem sendo evidenciada como favorável no processo de nascimento, isto é congruente com os resultados encontrados nesta pesquisa.

Este estudo limitou-se a descrever a percepção das mulheres que tiveram seu processo de nascimento acompanhado, mas é importante salientar que ainda pode-se ter situações em que algumas mulheres, por vontade própria, não queiram a presença de

um acompanhante ou, também por dificuldades em ter um acompanhante presente, devido ao cuidado com outros filhos, o que não foi abordado neste estudo.

Embora a vontade destas mulheres em terem um acompanhante presente tenha transparecido nos relatos, percebeu-se uma lacuna na participação do acompanhante em todo o processo do nascimento, o que faz com que a lei 11.108/2005 não esteja sendo cumprida em sua totalidade nesta instituição.

Neste sentido, para que possamos atingir resultados significativos, é necessária uma mudança de atitudes e de comportamentos de toda equipe de profissionais de saúde, respeitando a liberdade da mulher em suas escolhas durante todo processo, principalmente da equipe de enfermagem, que possui um papel importante para tornar este cuidado mais humanizado.

Corroborando com outras pesquisas sobre a presença do acompanhante, este estudo mostrou que a participação proporcionou mais segurança, tranquilidade, apoio, carinho e emoção para as mulheres. E outros sentimentos variados, que atuaram de forma positiva durante o trabalho de parto e parto, o que possibilitou o fortalecimento do vínculo familiar.

REFERÊNCIAS

1. Motta CCL, Crepaldi MA. O pai no parto e o apoio emocional: perspectiva da parturiente. *Paidéia*. 2005; 15(30): 105-18.
2. Organização Mundial de Saúde (OMS). *Assistência ao parto normal: um guia prático*. Genebra; 1996.
3. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Políticas de Saúde. Área Técnica de Saúde da Mulher. *Parto, aborto e puerpério: assistência humanizada à mulher*. Brasília: Ministério da Saúde; 2001. p. 199.
4. Moura FMJSP, Crizostomo CD, Nery IS, Mendonça RMC, Araújo OD, Rocha SS. A humanização e a assistência de enfermagem ao parto normal. *Rev Bras Enferm*. 2007 Jul; 60(4):452-5.
5. Bruggemann OM, Osis MJD, Parpinelli MA. Apoio no nascimento: percepções de profissionais e acompanhantes escolhidos pela mulher. *Rev Saúde Pública*. 2007; 41(1): 44-52.
6. Lei nº 11.108, de 7 de abril de 2005. Altera a Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, para garantir às parturientes o direito à presença de acompanhante durante o trabalho de parto, parto e pós-parto imediato, no âmbito do Sistema Único de Saúde - SUS. *Diário Oficial da União, Brasília, 7 abr. 2005. Seção 1, p. 1.*
7. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Pré-natal e puerpério: Atenção qualificada e humanizada*. Brasília:Ministério da Saúde; 2006.

8. Polit DF, Beck CT, Hungler BP. Fundamentos de pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação e utilização. Porto Alegre (RS): Artmed; 2004.
9. Deslandes SF, Gomes R, Minayo MCS (org). Pesquisa social: método e criatividade. 30ª ed. Petrópolis(RJ): Vozes; 2011.
10. Nakano AMS, Silva LA, Beleza ACS, Stefanello J, Gomes FA. O suporte durante o processo de parturição: a visão do acompanhante. Acta Paul Enfermagem. 2007 Abr; 20(2):131-7.
11. Oliveira ASS, Rodrigues DP, Guedes MVC, Felipe GF, Galiza FT, Monteiro LC. O acompanhante no momento do trabalho de parto e parto: percepção de puerperas. Cogitare Enferm. 2007 Abr;16(2):247-53.
12. Bruggemann OM, Parpinelli MA, Osis MJD, Cecatti JG, Neto ASC. Apoio à parturiente por acompanhante de sua escolha em maternidade brasileira: ensaio clínico controlado randomizado. Rev Tempus Actas Saúde Col. 2010:155-9.
13. Longo CSM, Andraus LMS, Barbosa MA. Participação do acompanhante na humanização do parto e sua relação com a equipe de saúde. Rev Eletr Enf [serial on the Internet]. 2010;12(2):386-91.; Available from: <http://www.fen.ufg.br/revista/v12/n2/v12n2a25.htm>.doi:10.5216/ree.v12i2.5266
14. Perdomini FRI, Bonilha ALL. A participação do pai como acompanhante da mulher no parto. Texto & Contexto Enferm. 2011 Jul; 20(3):245-52.
15. Soares RSS, Lessa PME, Pinheiro P, Damasceno A. Parturient's companion and their relationship with the nursing team: a qualitative study. Online braz j nurs. [serial on the Internet]. 2010 June; [Cited 2011 May 10]; 9(1): Available from : <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/2867>

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Jane da Rosa Palinski: concepção, planejamento do projeto de pesquisa, coleta análise e interpretação dos dados.

Silvana Regina Rossi Kissula Souza: concepção e planejamento do projeto de pesquisa, análise e interpretação dos dados, redação e revisão do manuscrito.

Juliana Taques Pessoa da Silveira: análise e interpretação dos dados, redação do manuscrito.

Natália Rejane Salim. Obstetrix: redação e revisão do manuscrito.

Dulce Maria Rosa Gualda: redação e revisão do manuscrito.

Recebido: 12/09/2011

Aprovado:14/05/2012